



# “FORAM OS LIVROS, MAS TAMBÉM FORAM AS PESSOAS”

JÉSSICA HELENA TROMBINI \*

Não consigo me lembrar de qual foi o livro que me fez me apaixonar pela Literatura e pelo ato de ler. Não só porque faz muito tempo, ou porque foram muitos, ou porque eu era muito criança quando comecei a ler (apesar de eu não ter sido nenhum daqueles prodígios que aprendem a ler aos 3 anos). Mas porque sempre havia um livro para pegar na estante de casa e folhear as coleções antigas adquiridas pelo meu pai mês a mês a duras penas, contando as moedas, mesmo que eu ainda não entendesse o valor daquilo, e talvez nem ele.

Mas consigo me lembrar da minha mãe lendo para mim à beira da cama antes de dormir. Alguns dos livros que ela lia eram uma coleção da Disney, quadradona, cujos volumes vinham acompanhados de uma fita K7 ou cassete (tradução: a avó dos audiobooks era uma fita para escutar as histórias e que, na verdade, nunca chegou até nossas mãos). A coleção foi herdada dos meus primos que já estavam grandes o suficiente para rejeitar essas leituras. Eles não liam nada e preferiam colecionar latas de Pringles e assistir Beavis e Butt-head na MTV — a qual, anos depois desses fatos, em algum momento do dia, começou a interromper a programação e exibir por até 15 minutos a mensagem “Desligue a tv e vá ler um livro”.

Consigo me lembrar de alguns livros que eu trazia para casa, obviamente emprestados, lá da Escola Municipal de Ensino Infantil, cheios de figuras grandes, coloridas, e textos educativos com historinhas simpáticas. Na pré-escola, não foram poucas as vezes que as professoras nos presentearam com livrinhos. Lembro que a tia Regiane escreveu uma dedicatória no meu exemplar de “Zacarias, o pintor”. Não me lembro do porquê eu o ganhei, mas acho que cada aluno recebeu um desse. Também lembro de outros livros que, da mesma forma herdados de outros primos, estão guardados, alguns rabiscados, até hoje. “Sopa de Letrinhas”, “Marcelo, Marmelo, Martelo”, “Florisbela, a galinha amarela”.

Consigo lembrar do meu pai se sentando no sofá ao meu lado e me ajudando a ligar as palavras, conectar as sílabas, explicando que “ao” não era “ão”. Consigo lembrar

também da cena em que minha mãe disse que eu já conseguia ler sozinha e queria que eu lesse em voz alta com ela. Eu fazia um pouco de manha, e algumas vezes nos revezávamos, até que eu passei a dormir sozinha no quarto que foi construído no fundo da casa. Nem preciso dizer que o hábito de ler antes de dormir continua até hoje.

E consigo me lembrar da minha avó, a Dona Leni, lendo antes de dormir, sob a luz de um abajur no meu quarto, que eu dividia com ela quando vinha nos visitar. É claro que não eram clássicos, minha avó era uma pessoa simples, não teve oportunidade de fazer uma faculdade e mal terminou o chamado Ginásio, hoje algo equivalente ao Ensino Fundamental. Ser alfabetizada já era uma vitória enorme, algo que minha outra avó, por parte de pai, Dona Cida, nunca conseguiu ser.

Consigo lembrar que os livros da D. Leni eram “Júlia”, “Sabrina” e “Bianca”, trocados semanalmente em bancas de jornal. Eu pedia para ela ler em voz alta um trecho da página em que estava no momento, e minha avó o fazia, provavelmente com censuras. Ela também lia livros religiosos, vidas de santos, santas, papas, entre outros, mas hoje acho que isso não importa.

Depois disso, lembro da coleção Vagalume. Um ou outro livro peguei do meu irmão mais velho, que já estava no Colegial (o Ensino Médio na época em que ele estudava). Outros eu passei a pegar na sala de leitura da escola que, devido ao seu tamanho e à pequena quantidade de livros e à falta de alguém para cuidar, nem podia ser chamada de biblioteca. Eu só surrupiava por uns dias e depois deixava no mesmo lugar, provavelmente ninguém percebia.

Mas também me lembro das incursões na única biblioteca de uma cidade do interior com minha prima nas férias. Bem mais velha que eu e professora de inglês, me levava para emprestar qualquer livro que eu quisesse, e depois ela mesma devolvia. Se houvesse tempo, ela me levava de novo para escolher outro. Depois, quem assumiu esse papel foi minha cunhada que, por sinal, era professora do Magistério e colecionava gibis da Turma da Mônica (li vários com ela).

Ainda me lembro de ir à biblioteca da minha cidade, às vezes pegava 5 livros de uma vez e devolvia em poucos dias. Foi só aí, pelo Fundamental, que entraram as leituras obrigatórias e os clássicos adaptados para a linguagem juvenil. Me lembro que foi nessa altura que começaram a aparecer as pessoas que odiavam ler, sobretudo livros nacionais, porque achavam que Literatura Brasileira se resumia a Machado de Assis e José de Alencar, esquecendo que existem centenas de autores e autoras, modernos, contemporâneos, de vários gêneros, idades e regiões. Tenho um pouco de Preguiça. Não é possível que se odeie tudo, é?

Me lembro que fiquei remoendo esses pensamentos depois que levantaram a pauta (ou a não pauta?) no *Bluesky*, no *X* ou no *Threads* sobre qual fora o primeiro livro

\* Jornalista formada pela UFSC, e atualmente é graduanda em Letras-Italiano e mestranda no

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC).

que me fez pegar paixão pela Literatura. Tudo veio meio junto. Não me lembro do primeiro livro, mas me lembro das pessoas que participaram desse processo.